

## APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

### **Filosofia e Literatura: leituras em tempo de risco**

A nossa constatação é que estamos diante de um risco praticamente inevitável que toca a nossa existência e que traz consequências sérias para a filosofia: a questão do “neutro” na linguagem. No caso de minha morte, a palavra seria capaz de me devolver o ser? Afinal, qual o lugar da palavra?

Se a filosofia (da linguagem) encontra dificuldade com a palavra “ser”, o que a literatura faz para poder existir é uma reivindicação pelo direito à morte. Neste sentido, a literatura se manifesta na sua inquietude, na sua quase des-razão, ou mesmo, na insensatez diante da liberdade humana. Eis o sentido da “estranheza” literária que nos interessa e que se aproxima do pensamento filosófico. É o que veremos na publicação deste dossiê intitulado “Filosofia e Literatura: leituras em tempo de risco”.

A iniciativa do Dossiê “Filosofia e Literatura” tem duas procedências: uma que remonta o mês de agosto de 2019, por iniciativa do Prof. Edvaldo Antonio de Melo da qual nasceu a parceria entre a Faculdade Dom Luciano Mendes (FDLM) e o Museu Casa Alphonsus de Guimaraens, em Mariana – MG. Além da visita mediada, que era a atividade ofertada pelo Museu, o tempo foi organizado de tal modo que os discentes de filosofia tivessem a oportunidade de realizar uma apresentação a partir do conteúdo de seu programa de estudo, a saber, o amor e a morte em Montaigne e Nietzsche.

A segunda experiência marcante desse período foi a do Círculo de Leitura criado pela Prof. Dra. Cristiane Pieterzack, em março de 2020, intitulado “Leituras em tempo de risco”, que recolheu vários pesquisadores da filosofia e da literatura, com o objetivo de encontrar na leitura uma “terapia de vida”, um modo de manter vivos os corpos e as mentes no contexto da pandemia causada pela Covid-19. Nos encontros, vários autores foram sendo revisitados através da leitura atenta e das experiências compartilhadas.

Naquele contexto, Lilia Schwarcz, colunista do Nexo Jornal<sup>1</sup>, referindo-se ao famoso conto “O alienista” (1881) de Machado de Assis, afirmou: “Muitas vezes a realidade copia a ficção, e não contrário”, e – continua Lilia Schwarcz – “a literatura [...] não se comporta como ‘produto’ de sua época. Na verdade, ajuda a ‘produzir’ a realidade que pretende apenas copiar”.

Embasado nas palavras citadas acima, este Dossiê “Filosofia e Literatura” entende que, em tempos de crise, a literatura é e continua sendo ainda mais necessária. O livro deve se tornar uma companhia. Abrir um livro torna-se um modo para não se isolar, um meio que nos permite viajar no tempo, superando as circunstâncias do espaço. Neste sentido, pensamos na relação entre filosofia e literatura não simplesmente como duas realidades diferentes, mas como espaços da respiração. Respiramos com a leitura tanto da literatura quanto da filosofia, justamente porque nos interessa não somente a descrição de um “louco”, mas dar voz e vez à loucura que nos habita. Não nos interessa somente a descrição do “conto”, para citar Machado de Assis, mas também a narrativa que nos atravessa e nos faz reinventar a própria vida, na cidade ou no campo, sobretudo, dentro de casa, a partir de nós mesmos, depois de procurar tudo em nome da “ciência”.

O primeiro texto, intitulado “Memórias de Adriano e o paradoxo da literatura”, de Cristiane Pieterzack (DOMUSASF-FDLM), revisita a literatura francesa através de uma leitura atenta da obra literária Memórias de Adriano (1951), de Marguerite Yourcenar. A questão central analisada pela autora consiste em interpretar o evento da obra literária a partir do caráter paradoxal da literatura que não pode basear-se em seus próprios pressupostos. Seguindo o movimento mnemônico e literário de Memórias de Adriano, a autora tem como objetivo mostrar como, por trás da memória ligada ao intelecto, também deve existir uma “outra” memória, uma memória enquanto “traço” que não ilustra um evento, mas dele dá testemunho, instigando-nos à reflexão filosófica.

Já no segundo texto, intitulado “Poesia e vida civil em Giacomo Leopardi: do hino à nação à crise dos valores humanos”, Taís da Silva Brasil (USP) objetiva investigar, de um lado, a relação entre poesia e vida civil em Giacomo Leopardi (1798-1837); de outro, como dada relação entra em crise com o fim das grandes ilusões antigas, ou seja, dos ideais coletivos cantados e perpetuados na poesia. De acordo com a autora, na crise da

---

<sup>1</sup> Texto disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/colunistas/autor/Lilia-Schwarcz>>. Acesso em: 04 fev. 2022.

civilização e dos valores humanos, a poesia compondo uma ultrafilosofia é o que resta para recriar valores que reabilitem o humano e uma dimensão de coletividade a partir dos sentimentos e dores universais e não de determinada nação ou época.

No terceiro artigo, “Alguns aspectos da relação entre psicanálise, literatura e filosofia”, José Pereira da Silva (USP) apresenta as relações entre psicanálise, filosofia e literatura a partir de alguns textos de Freud. Segundo o autor, a absorção da filosofia pela psicanálise tem adquirido especificidade na atualidade, graças sobretudo a leitura lacaniana que passa a integrar muitas ideias filosóficas. Desde modo, não se deve separar de forma radical psicanálise e filosofia, pois a literatura sempre esteve presente no horizonte dos estudos filosóficos e psicanalíticos, atuando como uma forma de intuição e antecipação de questões filosóficas como podemos ver em James Joyce, Marcel Proust, Franz Kafka entre outros.

No quarto texto, intitulado “Cantem outros a vida: eu canto a morte”, Ana Cláudia Rôla Santos, Coordenadora do Museu Casa Alphonsus de Guimaraens, revisita o pensamento do poeta marianense, Alphonsus de Guimaraens. De acordo com Ana Cláudia, a ideia era a de trazer o texto filosófico para outro patamar, o artístico, já que os alunos apresentaram sketches sobre o tema, e, a partir daí, promover o debate. Despretensiosamente, unidos pelo tema, a autora recorda de experiências interativas entre o Grupo de Leitura “Casa do Livro” do Museu Alphonsus de Guimaraens e o Círculo de Leitura “A terceira margem”, da Faculdade Dom Luciano Mendes (FDLM), nos encontros interativos no quintal do Museu, falando de Montaigne, Nietzsche e Alphonsus.

No quinto artigo, intitulado “Do nome de Deus ao dom de si: o caminho espiritual de Etty Hillesum”, Diego Frago Pereira (UFRGS) investiga o caminho percorrido pela jovem judia holandesa Etty Hillesum (1914-1943), desde a descoberta do nome de Deus até a entrega da própria vida como um dom a se consumir na câmara de gás em Auschwitz, no contexto da perseguição nazista. De acordo com Diego, Deus entra no percurso espiritual de Etty como um nome, que aos poucos vai se tornando uma pessoa “soterrada no poço” da sua própria interioridade. O texto apresenta o itinerário do “desenterrar Deus de dentro de si”, um processo lento que se dá através da meditação. O itinerário de Etty compartilha o destino coletivo do seu povo, a saber, o de ajudar Deus a nos ajudar, sendo pão partido e bálsamo para todas as feridas.

O sexto artigo, intitulado “O risco da escritura como espaço da transgressão segundo Maurice blanchot”, Edvaldo Antonio de Melo (FDLM) parte da inspiração literária blanchotiana e visa dialogar com a filosofia levinasiana. Em seu texto, o autor foca o sentido da alteridade na confluência filosófico-literária do “outro”, nomeado por ele como sendo a “escritura da carne” que nos interpela e nos dirige a palavra. Do ponto de vista literário, a pergunta pela alteridade do texto aponta para dois atos que envolvem a criatividade do espírito humano, a saber, o ato de ler e o de escrever. Por um lado, tem-se o prazer que a “leitura” de uma obra nos proporciona, que é da ordem do fascínio; mas por outro, o desconforto – o “virar do avesso” – que a leitura gera em nós, instigando-nos também à escrita, assumindo o risco do “estranho outro” em nós, que é o da própria morte.

No sétimo artigo, intitulado “O búfalo, de Clarice Lispector: uma leitura nietzschiana”, Amanda Lopes de Freitas (CEFET-MG) propõe analisar o conto O Búfalo (1960), de Clarice Lispector, tendo como viés o pensamento trágico de Friedrich Nietzsche, revisitado a partir dos textos O nascimento da tragédia (1872), A Gaia Ciência (1882) e Assim falava Zaratustra (1885). Em seu texto, a autora visa aproximar o texto literário da perspectiva filosófica de afirmação da vida, partindo dos conceitos de sonho apolíneo, embriaguez dionisíaca, Amor Fati e Eterno Retorno.

Além dos artigos já mencionados, o presente volume foi agraciado com a recensão de Nillo da Silva Neto (FDLM-ITSJ), com a obra A carne, de Júlio Ribeiro, livro publicado pela Martin Claret em 1999. O livro foi apresentado no grupo “Leitura em tempo de risco” de modo interativo, inclusive, com o grupo de pesquisa da FDLM, “Por uma filosofia da encarnação: o dizer do corpo”. Conforme entende Nillo Neto, o livro gira em torno da memória e da literatura. Trata-se de um romance de caráter naturalista que aborda temas como divórcio, amor livre e o novo papel da mulher na sociedade, algo que até então era ignorado na literatura. A obra foi publicada em 1888, causando grande escândalo e gerando críticas grotescas acerca do conteúdo da obra. Júlio Ribeiro, até então não era tão conhecido no meio literário, apesar de ser um grande gramático. Ao publicar A Carne, ficou mundialmente conhecido, pois tratou problemas dos quais ninguém falava, dentre eles se destaca o tema da independência da mulher na sociedade.

Dedicamos este Dossiê a todas as mulheres que, mesmo em meio à dor, não perdem o humor. Às mulheres mães, educadoras, filósofas, literatas, donas de casa, da cidade e do campo, de ontem e de hoje... A todas as mães, que mesmo no silêncio gritam pela vida,

permitindo que o eterno corra nas artérias do tempo, no dom da fecundidade e da maternidade! Àquela que nos permitiu ser, e hoje é sempre futuro!

Boa leitura para todos!

(Os Organizadores)

Cristiane Pieterzack

Edvaldo Antonio de Melo

Mauricio de Assis Reis